

**LEI N.º 3098, DE SETEMBRO DE 1964.**

Dá o nome de Manoel Francisco Mendes a uma Rua da cidade.

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Manoel Francisco Mendes a Rua 16 do Jardim do Trevo, que tem início na Rua 18 e término na Rua 14 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 28 de setembro de 1964.

RUY HELLMHEISTER NOVAES — Prefeito de Campinas.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 28 de setembro de 1964.

DEOCLESIO LEO CHIACCEIO — Diretor Interino do Departamento do Expediente.

31 de Agosto de 1957. Dia trágico — pelo menos na opinião de alguns — para Campinas. Quatro gigantes, quasi centenários, tombaram, impiedosamente, retalhados a machadadas por feras humanas!

Exato. Era o passado que se enfeitava para ornamentar o presente.

De fato, quatro gigantes de 75 primaveras, no mínimo, tombaram. Outros, muitos outros tombaram antes, por doenças ou fúscas elétricas, mas sem que o fato provocasse comentários tão desairosos.

Mas, "aconteceu" — como diriam os cronistas sociais —. E eles tombaram.

E o passado se enfeitou, ficou mais bonito e se transformou no passado-presente.

18 de Outubro de 1957, data empolgante, majestosa mesmo, para Campinas: duas palmeirinhas nasceram no Jardim Carlos Gomes! Quanta festa para aqueles que querem bem à cidade e que amam o progresso. 19 de Outubro de 1957, mais uma data festiva nos anais da história da Princesa D'Oeste. Nasceram mais quatro irmãzinhas. E o jardim fica mais bonito ainda!

Sêxtuplas, lá estão elas, agora, a contemplar o esplendor dos seus antepassados! Os gigantes que lá ficaram olham para baixo e, orgulhosos, contemplam a sua nova geração simbolizada naqueles seis brotinhos recém-nascidos, a iniciarem uma longa e incerta caminhada pela vida, numa cidade nova, moderna e orgulhosa das suas tradições, orgulhosa de si mesma, orgulhosa de seus filhos.

Daqui a 75 anos contarão elas à Campinas de então a sua história, a história da cidade de 1957, a história de uma administração.

Mas, quando contarem essa história, naturalmente manifestarão a sua mágoa, a sua tristeza, o seu descontentamento para com aqueles que deram tamanha importância à nota de falecimento dos seus quatro ancestrais, olvidando, por descuido ou por pouco caso a feliz e necessária nota do nascimento delas.

E dirão elas: a vida tem dessas coisas... Não faz mal, quando morreremos eles noticiarão o fato. Enfim, já é um consólo.

Por isso, e porque não queremos ser incluídos no rol dos descuidados, estamos dando esta nota.

As atuais árvores do Largo do Rosário também poderiam contar uma história semelhante à das palmeiras, ocorrida em 1930, mas, para que?

Elas acham — nós também achamos — que o Largo do Rosário de hoje é muito mais bonito que o que existia, lá pelo ano de 1930.

Agora, enquanto esperamos que cresçam esses seis brotinhos do Jardim Carlos Gomes, vejamos o que nos contarjam, se falassem, esses gigantes de quasi um século de existência, a respeito da história da cidade, da Campinas da sua infância.

Como elas são mudas, examinaremos essa história através da palavra de gente desse tempo, e, para iniciarmos, ouçamos Leopoldo Amaral.

Diz, ele, à fls. 441, de Campinas-Recordações:

"... E' por certo, o jardim da praça Carlos Gomes um dos pontos atraentes desta terra e desse logradouro público realizado pelo Prefeito dr. Heitor Penteado, são as esguias e elegantes palmeiras imperiais que o cercam, formando o pitoresco quadrilátero, um dos elementos que o embelezam. E essas palmeiras, como tudo neste mundo, têm a sua história. Foi pelo correr do ano de 1893, quando a praça que hoje ostenta o nome do glorioso maestro Carlos Gomes, (seu velho pai e toda a família haviam residido em frente, à rua Irmã Serafina, (canto da rua General Osório) não passava de um dos repositórios do lixo da cidade, pois oficialmente a Câmara Municipal, em época muito anterior, designara os Largos do Tanquinho (Pará), Jorumbeval (Correa de Melo) e o do Mercado (Carlos Gomes) para neles serem deixados os detritos, o lixo em suma, de toda a área urbana, a fim de aterrar esses largos, verdadeiros brejos e alagadiços, cavados fundamentalmente pelas enxurradas de longos anos.

Achavam-se já mais ou menos nivelados esses terrenos, à força de tanto lixo, quando em 1893 a Câmara resolveu melhorar a praça, conforme a idéia sugerida pelo Vereador Sr. Manoel Francisco Mendes, em sessão de 20 de dezembro daquele ano, idéia essa que constava da plantação de cem palmeiras imperiais, em volta daquela praça. Estavam presentes a essa sessão os vereadores Srs. Jorge Miranda, dr. José M. Lamaneres, Manoel Mendes, Carlos Egídio de Sousa Aranha, Comen-

dador Geraldo de Rezende, João Blerrenbach e João P. Rodvalho. Ausente achava-se o sr. Ellisário Ferreira, também vereador.

Os quatro primeiros eram do Partido Republicano, então em franca e decidida combatividade na propaganda, e tratando-se de um embelezamento local, utilíssimo e barato... pois a despesa, com tal serviço estava calculada em 300\$000 (Cr\$ 300,00), pelo vereador proponente, não podiam nem deviam votar contra a idéia. Os demais vereadores (Conservadores e Liberais — todos, porém, Monarquistas) conquanto ela tivesse partido de um adversário político, o que nesse tempo era motivo para ficar esperando, ou de quarentena, mostraram-se de pleno acôrdo com o sr. Mendes, não só por se tratar de um embelezamento local, como, principalmente, porque essas palmeiras, (como disse na ocasião, gracejando, um dos vereadores, depois Barão de Geraldo de Rezende), traziam o expressivo qualificativo de Imperiais. E aos Monarquistas, como era natural, essa palavra soava como um hino festivo à instituição que o XV de Novembro decifra neste país..."

E mais além:

"... e, nós que acompanhamos com carinho a marcha progressiva desta terra, enviamos saudações ao ex-vereador, nosso conterrâneo, pela sua idéia feliz da plantação das palmeiras..."

Assim falou Leopoldo Amaral. Falou, também, como viram os leitores, num ilustre cidadão cha-

mado Major Manoel Francisco Mendes. Do mesmo livro, à página 260, extrairmos:

"... Proclamada a República, quando o país se achava no período agudo da sua remodelação política, e nos Estados de S. Paulo os intendências substituíam as Câmaras Municipais, em 1891, o Major Manoel Francisco Mendes, então presidente do poder municipal, no edificio da Escola, reunidas várias pessoas, declarou que a municipalidade, daí em diante, tomaria sobre si a manutenção desse estabelecimento (Escola Correa de Melo) de ensino, sendo disto lavrada uma ata no livro respectivo"...

- continúia -
segue fls. 2.





Esta, como viram os leitores, não é uma história igual às outras que temos trazido às colunas do "Diário do Povo". Também não é uma história diferente dessas que costumam acontecer de quando em quando.

É uma história verdadeira. É a história de um homem que, tendo nascido aqui em Campinas, aqui cresceu, estudou, amou esta terra, fez por ela tudo quanto estava ao seu alcance, constituiu prole, criou e educou filhos, foi tutor de sobrinhos, e, quando já no fim da sua vida, depois de aposentado do serviço público estadual, transferiu residência para São Paulo, onde repousam os seus restos mortais.

É, antes que mais nada, a história de um homem que, a cidade, na pressa de crescer, de progredir, tendo os seus homens eternamente ocupados com os problemas momentâneos, o esqueceram.

Examinemos, pois, a vida desse ilustre personagem, filho desta vaidosa e progressista Campinas, todavia esquecido da geração atual.

Manoel Francisco Mendes (Maneco Mendes), esse o seu nome, nasceu em Campinas aos 3 de Abril de 1845. Foram seus pais, Francisco Mendes e dona Senhorinha Mendes. Faleceu na cidade de Santos aos 17 de Outubro de 1924.

O jornal "A Gazeta de Campinas" de 18 de Outubro de 1924 ao noticiar o infausto acontecimento disse:

"... Contava o extinto 76 anos, tendo conagrado grande parte de sua existência à sua terra natal. Devotado defensor das causas da Pátria, o Major Mendes foi um fervoroso propagandista da República, a qual deu muito das suas energias até a implantação definitiva do atual regime político.

Nomeado Delegado de Polícia desta cidade, o Major Mendes se constituiu num verdadeiro terror da malandragem, tendo Campinas durante o seu mandato, ficando livre dos desocupados, quer pela regeneração de uns, quer pela deportação e fuga de outros.

Seus funerais saíram da residência da sua filha mais velha, Sra. Marciana Mendes Barbosa, da rua Apeninos n.º 80, tendo sido sepultado no Cemitério da Consolação.

A vida tem dessas coisas: Corrêa de Melo, paulistano ilustre, faleceu em Campinas; Maneco Mendes, campineiro dos mais valerosos, morreu em São Paulo. Uma espécie de troca de gentilezas: São Paulo guarda um filho de Campinas e Campinas guarda e venera um filho de São Paulo.

Orfão de pai aos 5 anos, desde pequeno teve que lutar pela vida. Para esta luta nunca lhe faltou a orientação materna. Casou-se aos 19 anos e meio com dona Leopoldina Borges da Cunha, neta de Manuel Gomes, pai de Carlos Gomes. Dona Leopoldina era o anjo da paz que o guiou e o acalmou em todos os embates de sua vida movimentada e lutadora. Compartilhando de suas lutas, edificava pela sua prudência, bom senso, calma e generosidade. Sem o seu concurso, ele talvez tivesse desanimado. Ambos se completavam. Ele era o vulcão que se atira ardente, e quer que todos o sigam; ela era o vazão onde todos encontraram a paz e o repouso. Assim, os filhos tinham em ambos, exemplos de coragem e dignidade no cumprimento do dever.

Por muitos anos foi comerciante em Campinas. Como era inteligente e de rara atividade foi atraído pelos políticos desde o início da propaganda da República, tornando-se "braço-forte" dos entusiastas: Campos Sales, Bernardino de Campos, Américo Brasiliense e muitos outros que não dispensavam seu auxílio perspicaz e corajoso.

Foi Vereador à nossa Câmara, Intendente (Prefeito) e muito se dedicou pelo progresso de Campinas — que era o seu encanto —. Como chefe de polícia, que foi por muito tempo, era temido pelos "amigos do alheio", pois descobria os roubos com um tino único, e assim a cidade vivia em ordem e a sua população em paz.

Este é mais um caso de um campineiro esquecido.

Para terminar: os nossos agradecimentos ao dr. Edmundo Barreto, dona Leonar Mendes de Barros, Maria Aparecida Marinho

Mais tarde o Major Mendes deixava o lugar de Delegado para assumir as funções de Administrador da Recebedoria de Rendas desta cidade, em cujo cargo permaneceu durante 28 anos, sempre cercado da admiração e consideração dos seus chefes e do respeito de seus subordinados.

Em 1918, o Major Mendes adquiriu o extinto "Comércio de Campinas", em cujas colunas deixou impressos brilhantes artigos, todos eles cheios de sentimentos patrióticos e de elavados conceitos sociais.

No início de sua carreira, o Major Mendes foi intendente Municipal de Campinas, devendo-se a iniciativa sua a plantação das belíssimas palmeiras que altivamente se erguem em torno da aprazível praça Carlos Gomes...

ao João Falchi Trinca e ao pessoal do Cemitério, pessoas que colaboraram para a realização deste esboço biográfico de um grande filho da terra de Carlos Gomes.

ALAOR MALTA GUIMARÃES